

1
Edição
2013

JORNAL DA FACOM

Jornal Laboratório
da Faculdade
de Comunicação
da UFBA



AmaraDutra | LabFoto

João do Camarão: o ambulante
cumpru as regras de higienização

Comida de praia, pegue leve

LEGISLAÇÃO • PÁGINA 03

Proibição de festas na UFBA
pode ter uma solução

ENTREVISTA • PÁGINA 04

Observatório analisa violência
contra a mulher

CULTURA • PÁGINA 08

Universidade dispõe de 11
equipamentos culturais

EDITORIAL

PARA NÃO SE PERDER...

LEGISLAÇÃO
PÁG. 03

ENTREVISTA
PÁG. 04, 05 E 06

MOBILIDADE
PÁG. 07

CULTURA
PÁG. 08 E 09

AGENDA
PÁG. 10

COTIDIANO
PÁG. 11

EDUCAÇÃO
PÁG. 12

PERFIL
PÁG. 13

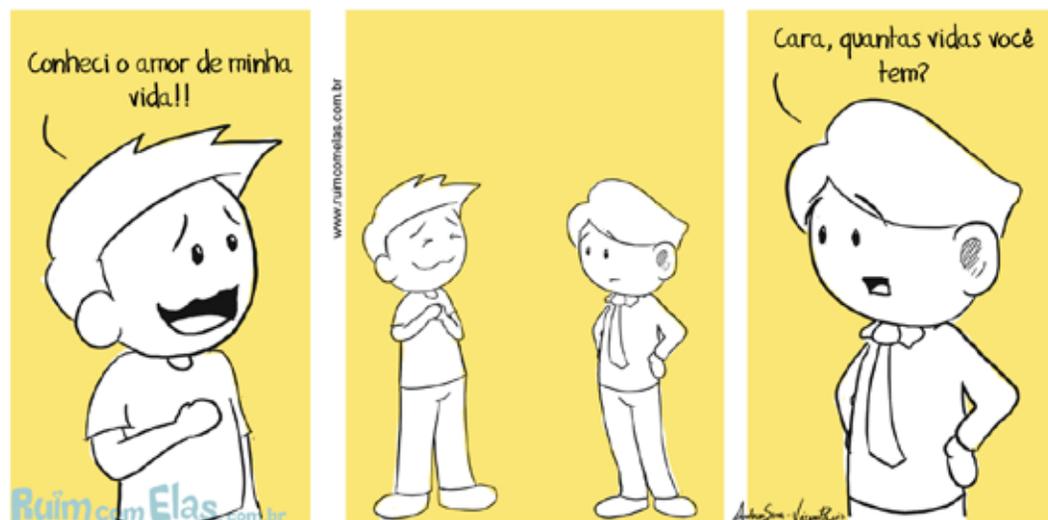
SAÚDE
PÁG. 14 E 15

FORMAÇÃO
PÁG. 16

No alto verão baiano, mais uma edição do Jornal Laboratorial da Faculdade de Comunicação da UFBA é gerada e chega ao leitor. Sob a tutela da docente e jornalista Nadja Vladi, os alunos da disciplina Oficina de Jornalismo Impresso transformaram esse início atípico de semestre – que já começa atrasado, quente, corrido e sucedendo uma longa pausa pós-greve – em um ambiente de experimentações do fazer jornalístico.

O foco é mantido na própria Universidade, afinal, seus projetos, conquistas e os novos e recorrentes problemas não vão sair de férias e exigem espaço na mídia, mesmo na mídia experimental. E você leitor, mesmo que esteja preso numa sala de aula, num escritório cinza, no trânsito ou em qualquer lugar longe do sol, merece saber o que as pesquisas da Escola de Nutrição revelaram sobre os alimentos consumidos nas praias e os cuidados que devem ser tomados na hora de experimentar seu quitute favorito, que a UFBA dispõe de diversos espaços de arte e cultura, que o BUZUFBA já está circulando para facilitar a vida de quem passa o dia migrando entre os campi e, infelizmente, que a Lei Maria da Penha não tem resolvido a violência contra a mulher, segundo o Núcleo Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher.

Boa leitura, bom verão.



Crédito: Anderson Sena e Vicente Reis

JORNAL DA FACOM

Junho 2012

Jornal Laboratório da Faculdade de
Comunicação da Universidade Federal da Bahia
Rua Barão de Geremoabo s/n, Campus de Ondina
CEP 40.170-115 Salvador - Bahia - Brasil

EXPEDIENTE

Produção da disciplina Oficina de Jornalismo Impresso
(Semestre 2012.2) - Primeira edição, ano 2013

Reitora: Dora Leal Rosa

Diretor da Facom: Giovandro Ferreira

Coordenação Editorial: Nadja Vladi

Chefe de redação: Lara Bastos

Edição: Raisa Andrade e Renata Farias

Edição de fotografia: Susana Rebouças

Projeto Gráfico: Amanda Carrilho e Gabriel Cayres / Edufba

Diagramação: Adelmo Queiroz / Edufba

Repórteres (turma 2012.2):

Alexandre Wanderley, Alice Mazur, Cátia Aragão, Célia Santos, Clara Marques, Cláudio Jansen, Diego Barreto,

Emile Conceição, Émille Cerqueira, Gabriel Rodrigues, Gustavo Baraúna, Gustavo Mões, Ítalo Richard, Jéssica Chagas, Jéssica Lemos, Júlia Moreira, Lara Bastos, Lukas Barbosa, Marileide Alves, Mário Pinho, Rafael Raña, Rafael Grilo, Raisa Andrade, Renata Farias, Sara Regis, Simone Melo, Susana Rebouças, Tácio Santos, Thalita Lima, Thiago Andriell.

Contato: jornaldafacom2012.2@gmail.com

Tiragem: 500 exemplares

Distribuição Gratuita

Festas na UFBA: proibição continua, mas soluções animam

Reitoria nega revogação de portaria e revela planos de construção de espaço para eventos

Gabriel Rodrigues
Mário Pinho

Pressionada pela greve e pela ocupação dos estudantes ao prédio da Fapex (Fundação de apoio à Pesquisa e à Extensão), a reitora Dora Leal Rosa assinou, em 17 de agosto de 2012, a portaria nº 135/2012. A portaria cria um grupo de trabalho para análise e elaboração de relatório que identifique possíveis locais nos campi para abrigar eventos, além de requisitos para autorização, acompanhamento e fiscalização.

Composto por representantes das Pró-Reitorias de Administração (PROAD), Graduação (PROGRAD), Extensão (PROEXT) e Assistência Estudantil (PROAE), além de representação estudantil e dos técnicos administrativos, o grupo apresentou, como principal proposta, a construção de uma tenda com capacidade para 600 pessoas, localizada no centro de esportes da UFBA, em Ondina.

“Já chegamos a propor que a universidade crie um espaço próprio para isso [eventos]. A ideia seria ter, na área de esportes, no estacionamento, um local perene, com tendas, uma grande área de lazer e esporte. O projeto será apresentado nas próximas semanas à Reitoria”, diz o Pró-Reitor de Graduação Ricardo de Miranda Filho, que preside o grupo de trabalho.

Segundo Miranda, o grande número de estudantes e pessoas que frequentam as dependências da instituição acaba inviabilizando a realizações de alguns eventos. O Pró-Reitor explica que a portaria serve apenas como medida preventiva, pois a lei municipal nº 5.354/98, que fiscaliza a emissão de sons e ruídos e mede o número de decibéis (unidade utilizada para medir a intensidade do som), por si só já seria suficiente para inviabilizar algumas manifestações. “Essa portaria, na verdade, ‘chove no molhado’. Serve apenas para reiterar, lembrar que uma lei externa existe”.

Prejuízos

No entanto, alguns projetos acabaram sendo prejudicados. Foi o caso do “FacomSom”, evento pro-



Rafael Martins | LabFoto

Enio e a maloca anima o FacomSom, evento produzido na universidade pela Produtora Júnior em 2010

movido pela Produtora Júnior, empresa júnior da Faculdade de Comunicação.

Para o diretor presidente da empresa, Fábio Arcanjo, a maior dificuldade encontrada na realização da edição de 2011 do evento foi o desencontro de informações recebidas por diversos setores da universidade. “Pesquisamos muito acerca das portarias e legislações existentes e buscamos os órgãos competentes para que fosse possível a realização do evento. Só que os diversos órgãos da UFBA acabam não dialogando e isso traz uma série de dificuldades para quem quer realizar manifestações culturais dentro do campus”.

Entenda a proibição

Assinada em 9 de agosto de 2007 pelo então Reitor Naomar Monteiro de Almeida Filho, a portaria é clara ao suspender, por tempo indeterminado, todas as atividades ou eventos de natureza acadêmica ou não, que possam emitir sons ou ruídos dentro dos Campi, nas unidades ou em quaisquer órgãos da Universidade Federal da Bahia.

A medida foi tomada após denúncias e representações junto ao Ministério Público Estadual e Federal, infrações a leis e resoluções ambientais, além de processos por poluição sonora, comprovados em autuações do órgão fiscalizador municipal. As reclamações partiram dos próprios professores e alunos da universidade e de residentes do entorno dos campi.

“Os agressores são sempre pessoas próximas a essas mulheres”

Márcia Tavares, vice-coordenadora do Observatório da Lei Maria da Penha, fala sobre o cenário de violência contra a mulher após a implementação da lei de 2006

Ítalo Richard
Simone Melo

De tanto escutar casos de mulheres vítimas de agressões em seu trabalho como assistente social, a professora Márcia Tavares sentiu uma inquietação ser despertada. Na sua trajetória profissional em defesa dos direitos humanos, o estudo do cotidiano amoroso, principalmente das classes populares, foi o mote para levá-la à especialização em violência contra as mulheres. Ela queria dar voz às vítimas de agressão e discriminação de gênero em seus estudos na universidade. Quando a Lei Maria da Penha (11.340/2006) foi sancionada pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, Márcia optou por investigar e questionar a aplicabilidade da nova norma. Desde então, realiza pesquisas junto ao Observatório da Lei Maria da Penha, sediado no Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM). O Observatório tem como objetivo monitorar a implantação da lei em todo o país. Em entrevista ao jornal da Facom, Márcia Tavares fala sobre violência contra a mulher e critica os serviços assistenciais oferecidos na cidade e comenta a implementação da lei Maria da Penha em todo o país.

O que dificulta a aplicação da Lei Maria da Penha em Salvador?

Existe um sério problema de infra-estrutura nas Delegacias Especiais de Atendimento à Mulher (DEAM). Em Salvador são apenas duas delegacias, que não dão conta do contingente que procura ajuda, além da falta privacidade no local onde acontece o atendimento. As mulheres são recebidas na mesma sala onde várias pessoas circulam e acabam escutando o que elas expõem sobre suas vidas. Uma questão grave também diz respeito à falta de qualificação e capacitação dos profissionais quanto às questões de gênero e violência contra a mulher. Muitas vezes, a orientação que é passada está baseada no senso comum e resvala em conceitos preconceituosos sobre a violência. Há um des-

conhecimento, inclusive, do que está determinado pela própria lei.

Então nas próprias delegacias permanece o machismo?

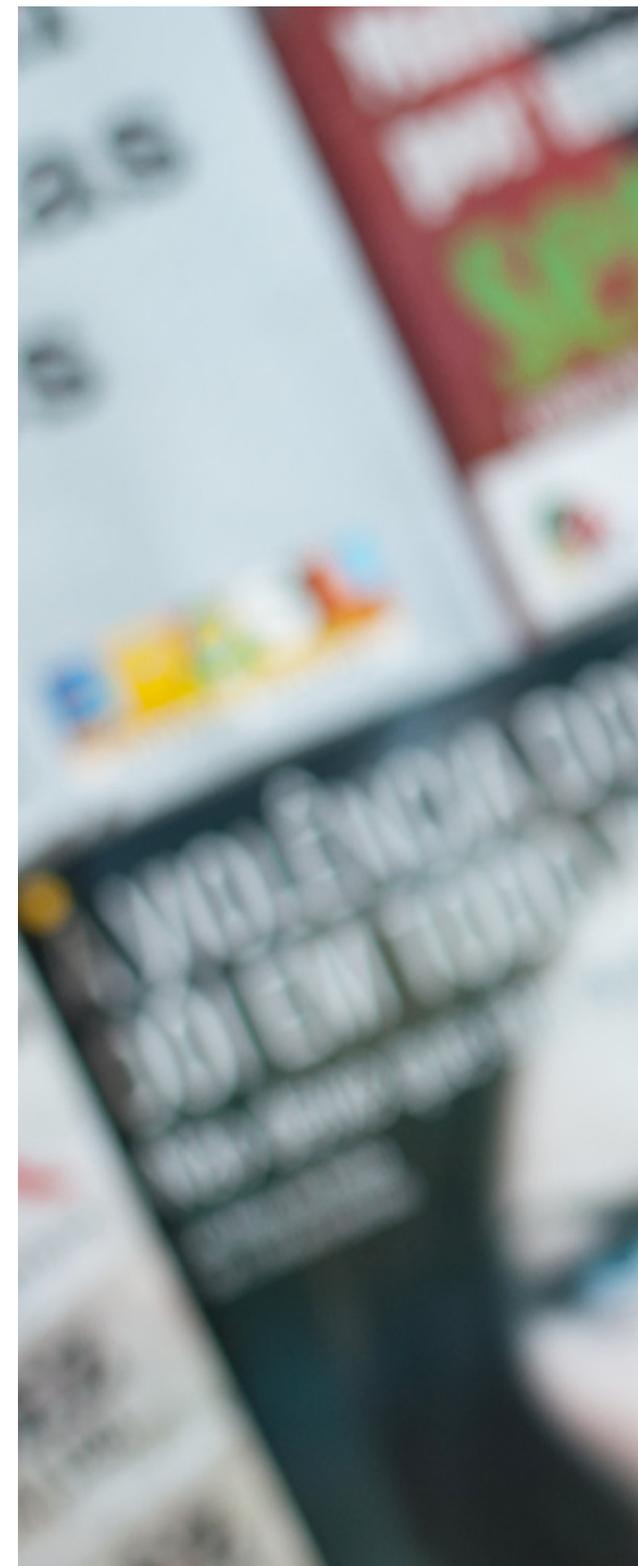
Sim, e não só aqui em Salvador. Em outras capitais, encontramos problemas piores. Por exemplo, funcionárias que trabalham na delegacia e que também foram alvos de violência doméstica e familiar, mas demoraram de denunciar ou não denunciaram. Muitas só prestam queixa quando as marcas físicas denunciam. Ainda ouvimos, em algumas capitais, relatos de assédio. O agente policial dizia assim: “As bonitinhas e novinhas, passem pra mim que eu vou dar um trato, elas estão carentes”. Isso diante de uma pesquisadora, e ninguém estranhou a observação dele.

Os abrigos previstos na lei funcionam regularmente em Salvador?

Os abrigos são serviços que precisam ser repensados. As mulheres que nós entrevistamos colocam o abrigo como mais uma prisão. Elas têm que se deslocar do local conhecido, do lar onde moram com seus filhos, e ficar lá por um determinado período de tempo. Muitas consideram isso como mais uma punição a elas e não ao agressor.

E o atendimento 24 horas oferecido pelo disque 180 tem surtido efeito?

Sim, a mulher liga e terá imediatamente uma resposta, uma orientação sobre aonde ir. Para essas mulheres, é importante que tenha alguém que as ouça, as entenda e possa dá-las uma maior orientação.





Leonardo Pastor | LabFoto

“

A importância da Lei Maria da Penha é romper com a convivência da sociedade em relação à violência contra as mulheres

”

As campanhas de combate à violência contra mulher têm gerado resultados?

As campanhas são importantes, mas não bastam folders e cartazes. Algumas metodologias devem ser implementadas, por exemplo, a elaboração de cartilhas com uma linguagem popular, na maioria, você vai encontrar a reprodução da lei na íntegra. Ou rádio novelas que funcionem através de profissionais capacitados para orientá-las a se desvincular da relação violenta.

O problema do Judiciário é forte?

MT- A morosidade no atendimento e a falta de agilidade no cumprimento da lei faz com que as mulheres permaneçam desprotegidas. No último monitoramento que fizemos, encontramos uma

mulher que esperou 15 horas para ser atendida, como não tinha dinheiro para voltar para casa e temia rever o agressor, ela dormiu na DEAM. Uma das delegadas não estava e ela foi obrigada a esperar com os filhos, sem ter o que comer. Casos como esse afetam profundamente a credibilidade da vítima em relação à lei. Muitas vezes elas perguntaram: “denuncie, e daí?!” porque continuam se sentindo desprotegidas. Agora que é aniversário da lei, muitas reportagens divulgam o aumento do número de denúncias. As mulheres denunciam, mas até chegar o dia da audiência demora mais de seis meses. Além disso, em Salvador e em outras capitais, existem muitos juízes que tentam induzir uma medida conciliatória em nome da preservação da família. ▶



Quando falamos que a Lei Maria da Penha pegou, significa remexer valores que estão profundamente enraizados nas mentalidades. As pessoas foram educadas para acreditar que isso (a violência contra a mulher) é natural



É comum que nos casos de violência doméstica contra a mulher os juízes sugiram medidas conciliatórias. Isso está previsto na lei?

Não está. Na verdade, mesmo aqueles que aplicam a lei, muitas vezes reproduzem a ideologia patriarcal que desencadeia um “familismo” forte no Brasil. Tentam fazer com que os casais conciliem suas divergências com o intuito de preservar a família em nome do bem-estar dos filhos. O que a gente sabe que não existe.

O aumento no número de registros identifica alguma coisa ou continua sendo um dado mascarado, já que antes da lei Maria da Penha os casos não eram computados?

O aumento de registros ainda demanda estudos muito maiores. Quando nós desenvolvemos nossas pesquisas de monitoramento nas capitais do país, observamos que não há sistematização dos dados. Verificamos, por exemplo, que em Maceió não há nenhum dado sistematizado, não há informatização. Não existe um quadro com o número de vítimas ou o relato do que aconteceu.

Então os dados apresentados são equivocados, já que muitos lugares nem computam?

Para a estatística, alguns lugares medem através dos boletins de ocorrência, e não existe um acompanhamento do que aconteceu com as mulheres, qual foi o resultado ou se a demanda foi atendida. Esse ano nós fizemos um novo monitoramento, uma das delegacias de Salvador passou os dados e outra não. Há uma preocupação em entender o monitoramento como controle e vigilância, quando, na verdade, a intenção é identificar lacunas para se pensar estratégias que promovam uma melhor qualidade dos serviços.

É possível traçar um perfil da vítima da violência doméstica?

As mulheres geralmente têm baixa escolaridade, são jovens, embora você encontre também pessoas em torno dos 40 anos, com filhos, sem renda estável. A maioria trabalha como doméstica ou diarista. É diferente da classe média que possui alterna-

70
É o número de denúncias que as duas Deams de Salvador recebem por dia

tivas, as mulheres com independência econômica têm mais possibilidade de conseguir um pedido de separação. Os agressores são sempre pessoas próximas a essas mulheres: namorados, maridos, ex-maridos, pessoas com as quais elas tiveram uma relação afetiva.

O que mudou com a Lei Maria da Penha em relação ao agressor?

A importância da Lei Maria da Penha é romper com a convivência da sociedade em relação à violência contra as mulheres. Antes existia a lei 9.099, cuja pena era cumprida através do pagamento de cessas básicas, ou seja, nada mudava. Com a Maria da Penha, há uma criminalização da violência contra a mulher e isso é importantíssimo em termos jurídicos e também no campo político. Em termos teóricos, havia um consentimento da sociedade quanto à dominação de um sexo sobre o outro. O marido exerce uma dominação assegurada pela ideologia patriarcal com um poder sobre a mulher, os filhos e os velhos da família. Com a lei Maria da Penha, essa ideia começa a ser desconstruída.

Existem campanhas de conscientização sendo realizadas junto aos agressores?

Eu não diria conscientização, é na verdade uma “deseducação”, porque a violência é aprendida no tecido social. Quando falamos que a Lei Maria da Penha pegou, significa remexer valores que estão

profundamente enraizados nas mentalidades. As pessoas foram educadas para acreditar que isso é natural. Há uma banalização da violência porque é como se o homem, ao revalidar a supremacia de um sexo sobre o outro, recebesse a impunidade como resposta. O homem tem a prerrogativa da escolha no campo dos afetos, mas também tem a prerrogativa da rejeição. Ele pode dizer “não quero mais”, já a mulher não pode.

Existem dados sobre os tipos de violência? Há um mapeamento?

Existem. É mais violência física, mas tem também a violência psicológica, e isso é um problema muito sério porque a violência física é visível. Quando eu digo que os profissionais que trabalham nas DEAMs precisam de capacitação, você vai encontrar coisas do tipo: “não adianta nem a senhora está aqui, o que é que a senhora está fazendo aqui se não tem marca?” Ela responde: “Ah, mas ele disse que eu era isso, que eu era aquilo”. Mas, a violência psicológica não é palpável, não é visível, então a mulher termina muitas vezes desistindo porque não é reforçado. E tá lá na lei os diferentes tipos de violência do qual a mulher é alvo.

As delegacias fazem registro das ameaças psicológicas?

Elas devem fazer. A violência psicológica é tão dolorosa quanto à física, mas as marcas que ficam são internas. A auto-estima da mulher é atingida, ela deixa de gostar de si mesma, começa a acreditar que a culpa do sofrimento é sua. Um exemplo recente é o caso do grupo de música New Hit que violentou duas adolescentes. A sociedade entende que as mulheres devem se resguardar, já que o homem tem uma libido desenfreada. A mulher, seja ela adolescente ou não, é culpabilizada. E, mesmo recentemente, parece que nós continuamos a acreditar nisso já que os rapazes voltaram a fazer shows, enquanto as garotas estão sendo ameaçadas de morte e suas famílias são agredidas.

Buzufba em ação

Transporte diminui índice de atraso dos alunos da Ufba nas aulas intercampi

Cláudio Jansen
Jéssica Chagas

Aqueles que possuem alguma dúvida com relação ao bom funcionamento dos micro-ônibus podem ficar despreocupados. Os veículos são novos, limpos e saem, pontualmente, a cada 15 minutos do portão I da Ufba, em Ondina. Quem dependia do sistema de transporte coletivo para se locomover intercampi e sempre chegava atrasado às aulas tem, agora, uma preocupação a menos.

No primeiro ponto de parada, em frente ao PAF I (Ondina), é comum que o veículo lote, principalmente por volta das 13 horas, quando a maioria dos estudantes está saindo do Restaurante Universitário (RU) e indo para as aulas. O Buzufba demora 10 minutos para ir de Ondina à Faculdade de Medicina, no Vale do Canela. Do Vale à Escola de Belas Artes e à Reitoria, no Canela, são, em média, cinco minutos, o mesmo tempo gasto para se chegar a outros pontos como Politécnica, Arquitetura e São Lázaro. O trajeto mais longo, dos três feitos pelo Buzufba, é o que vai até São Lázaro, feito entre 30 e 40 minutos, e os pontos de parada, para as três linhas, são exclusivamente aqueles determinados pelo roteiro.

Economia fora do roteiro

A Piedade não está inclusa no itinerário porque, segundo o Pró-Reitor de Ações Afirmativas e Assistência Estudantil da UFBA, Dirceu Martins, a maioria dos estudantes não faz parte desse percurso, considerando que a maior demanda está entre Canela, Ondina e São Lázaro. De acordo com os estudos realizados pela Pró-Reitoria de Administração (PROAD), muito tempo seria perdido no trajeto até a Faculdade de Economia, e o objetivo do serviço é otimizar o tempo.

“A motivação do Buzufba é justamente a melhoria no rendimento acadêmico, diminuindo o tempo que se perdia para chegar entre uma aula e outra, além da questão da mobilidade, principalmente para os estudantes mais pobres, o que é extremamente importante”, afirma o Pró-Reitor.

Desde o início de sua operação, alguns ajustes já foram realizados no Buzufba. A partir das 20 ho-

ras, por exemplo, o ônibus sai do portão I e faz o retorno perto do Colégio ISBA, na Orla, para que os alunos que pegam o transporte naquele sentido não se exponham tanto, por ser um local mais deserto, de pouca movimentação e com maior risco de assalto.

Fiscalização

O comprovante de matrícula para acesso ao transporte não está sendo pedido. As pessoas entram no ônibus antes do motorista, no portão I, em Ondina, e nos pontos de parada, os comprovantes não são conferidos. Dirceu Martins explica que, nessa fase experimental, a não cobrança é uma forma de evitar que o serviço perca a agilidade, o que pode atrasar os alunos. A implementação de um cartão magnético para o acesso ao micro-ônibus está sendo discutida nas reuniões da Pró-Reitoria.

Congestionamento no R.U.

A implantação do Buzufba acelerou o trânsito dos alunos intercampi e congestionou o fluxo no Restaurante Universitário, em Ondina. Muitos estudantes que não almoçavam no R.U., por estudarem em outros locais, passaram a frequentá-lo depois da facilidade de locomoção gerada pelos micro-ônibus. Segundo Dirceu Martins, Pró-Reitor de Ações Afirmativas e Assistência Estudantil da UFBA, ainda não foi realizado um estudo a respeito desse impacto.



Sobre o transporte

O Buzufba começou a circular no início de 2012.2. São quatro micro-ônibus com assento para cadeirantes, de responsabilidade da empresa Atlântico Transporte e Turismo, vencedora da licitação aberta em fevereiro e publicada em agosto de 2012. É possível que, futuramente, haja substituição de alguns micro-ônibus para ônibus convencionais, restando apenas um micro-ônibus para o trajeto até São Lázaro.

Muitos espaços, pouca disponibilidade

O difícil acesso dos estudantes aos aparelhos culturais da universidade

Raisa Andrade
Renata Farias
Susana Rebouças

A cultura tem espaço sobra para desenvolver na UFBA – entre museus e outros equipamentos culturais, a Universidade abriga mais de dez espaços voltados à produção e ventilação de produtos nos arredores dos campi. Cada um dos equipamentos está subordinado ao colegiado do curso que o abriga.

O principal foco dos espaços é a formação paradidática do corpo discente. Alunos de toda a UFBA podem utilizá-los como simples consumidores de arte e cultura ou para exposição de seu trabalho. Para além dos portões da Universidade, toda a sociedade pode gozar dos acervos históricos e produtos artísticos disponíveis. Via de regra, o acesso é gratuito em ambos os casos.

Consumo liberado, para quem souber

Leo Brito cursa o 8º semestre do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades e comemora a disponibilidade de iniciativas na área de produção cultural dentro da Universidade: “Os estudantes podem e devem aproveitar melhor os espaços, a produção do conhecimento não se limita às atividades realizadas em sala de aula”.

Mas o coro não é sempre tão positivo assim. Alunos como Yago Henrique, da graduação em Física, e Mary Cerqueira, de Produção Cultural, reclamam da falta de divulgação dos eventos e atividades realizados pelos espaços. “As coisas existem, mas a gente não fica sabendo”, diz Yago. Mary, que é de fora da cidade, vai além: a estudante diz não ter sequer conhecimento da existência de muitos dos espaços citados nesta matéria.

Procurado, o assessor de comunicação da Universidade Federal da Bahia, Marco Antonio Oliveira de Queiroz, disse que a ASCOM-UFBA não tem nenhuma ação efetiva e permanente para promoção da programação. “Infelizmente, contamos com uma equipe muito reduzida que não dá conta de cobrir ou divulgar eventos”. O assessor espera que, no ano de 2013, uma equipe seja formada por estagiários que se dedicarão exclusivamente à divulgação das produções de instâncias.

E a produção – é livre também?

Se os alunos que estão na plateia dos eventos culturais realizados pela UFBA dividem-se entre reclamações e elogios ao sistema de equipamen-

tos, a opinião dos alunos que produzem arte e cultura e contam com os espaços são um pouco mais negativas.

Juca Lordello está no 8º semestre de Artes Plásticas diz que, durante todo o curso, encontrou dificuldades para expor seu trabalho na Galeria Cañizares, pertencente à Escola de Belas Artes. O espaço, que deveria comungar com a vida acadêmica, acaba sendo algo completamente paralelo à graduação, concentrando-se em expor a obra de artistas já reconhecidos ou alunos de mestrado. O aluno espera que, com a mudança de direção, esse quadro se altere e passe a acolher a apoiar a produção dos graduandos.

A Escola de Belas Artes conta ainda com a Galeria do Aluno, alojada no casarão principal. Resultado da luta dos próprios estudantes, o espaço nem mesmo consta na lista dos equipamentos culturais divulgada pela UFBA. “Há mais de 2 anos, a Galeria do Aluno está ocupada por caixas de construção. Nem lembro quando foi a última vez que houve algum evento no espaço”, diz Lordello.

Brisa Morena, concluinte do curso de Artes Cênicas, põe em xeque o suposto acesso livre dos alu-





Susana Rebouças | LabFoto

Teatro do Movimento, localizado na Faculdade de Dança, é um dos espaços mais acessíveis da universidade

nos aos aparelhos culturais. A Escola de Teatro da UFBA dispõe do Teatro Martim Gonçalves que, segundo a aluna, não é utilizado durante a formação dos alunos. “Nós temos a disciplina Iluminação, por exemplo, mas não podemos utilizar o Martim Gonçalves para exercitar o que aprendemos”, diz Brisa, que reclama ainda da necessidade de apelar para espaços externos, como a Biblioteca dos Baris e o Cabaré da Raça.

Poucos aparelhos culturais são de fácil acesso para os alunos, como é o caso do Teatro do Movimento, na Escola de Dança. Portanto, espaço para promoção da cultura não falta, no entanto, há uma grande dificuldade entre o alunado para realização dos seus próprios projetos. Essa realidade dificulta o desenvolvimento na graduação e deveria ser revista pelos responsáveis.

SERVIÇO

Centro de Estudos Afro-Orientais

Praça Inocêncio Galvão, 42, Largo Dois de Julho
(71) 3283-5501 | ceao@ufba.br

Cinema da UFBA

Av. Reitor Miguel Calmon, s/n. Vale do Canela
71.3237-2331

Galeria Cañizares

Rua Araujo Pinho, 212, Canela
(71) 3283-7915

Memorial de Medicina

Largo Terreiro de Jesus - Antiga Faculdade de Medicina, s/n, Pelourinho
(71) 3321-0383 | memorial@ufba.br

Museu de Anatomia Comparada

Avenida Adhemar de Barros, 500, Escola de Medicina Veterinária da Ufba - Ondina
(71) 3283-6715

Museu Afro-Brasileiro

Largo Terreiro de Jesus - Antiga Faculdade de Medicina, s/n, Pelourinho
(71) 3283-5540 | memorial@ufba.br

OPINIÃO

por Leo Costa

professor do curso de Produção em Comunicação e Cultura

Integração entre os cursos

Uma das queixas frequentes dos alunos do curso de produção cultural da UFBA é a falta de conhecimentos das áreas artísticas na grade de disciplinas obrigatórias do curso, fato que é percebido no curso da Universidade Federal Fluminense, em Niterói. Uma possibilidade para suprir essa “necessidade” seria uma maior integração entre os diferentes cursos de artes da UFBA e o curso de produção cultural?

Os cursos de artes da UFBA realizam eles mesmos a organização e a produção de projetos (espetáculos de formatura, por exemplo) e a gestão dos seus espaços culturais. Nesses cursos são ministradas disciplinas como história da arte, da música, elementos da dança, administração teatral, dentre outras, que poderiam ser de interesse dos alunos da Facom. Até que ponto a formação do produtor cultural, dita em tantos textos acadêmicos que deveria ser multidisciplinar, de fato o é?

Alguns eventos tentam fazer essa conexão, mas como o próprio nome diz, não deixam de ser fatos isolados sem sedimentar algo mais na relação dos cursos. Já tivemos na disciplina Oficina de Produção Cultural, atividade prática dos alunos do terceiro semestre, eventos como Quintais Culturais, 3x4, UFBA em Cena... Todos buscavam uma integração entre alunos de produção cultural e dos cursos de artes, entre um curso que tem pouco mais de 16 anos e cursos que já passaram de meio século de vida. Essa conexão, que parece lógica na teoria, precisaria ser melhor organizada na prática.

Museu de Arqueologia e Etnologia

Largo Terreiro de Jesus - Antiga Faculdade de Medicina, s/n, Pelourinho
(71) 3283-5531 | memorial@ufba.br

Museu de Arte Sacra da Bahia

Rua do Sodré, nº 276, Centro
3283-5600 | mas@ufba.br

Museu de Zoologia

Rua Barão de Geremoabo, 147, Instituto de Biologia da Ufba - Campus de Ondina
(71) 3283-6551

Teatro do Movimento

Escola de Dança da Ufba - Av. Adhemar de Barros, s/n - Campus de Ondina
(71) 3283-6574 | 3283-6579

Teatro Martim Gonçalves

Rua Araújo Pinho, 292, Canela
(71) 3283-7862 | tmg@ufba.br | teatromartimgoncalves@gmail.com

Diversão e Baixo Custo

Alice Mazur
Júlia Moreira
Thiago Andriell

Situado em um dos pontos mais nobres do circuito Barra-Ondina e aberto de quinta à terça-feira de Carnaval, o Camarote Universitário completa 11 anos este ano. Em sua área de 2,4 mil m², possui mirante de 80m para a avenida, arquibancada, posto médico, banheiros, segurança reforçada e área vip para portadores de necessidades especiais e idosos. Além disso, a estrutura disponibiliza serviço de bar pago com comidas e bebidas e boate nos intervalos entre as passagens dos trios elétricos.

Com público médio de 3 mil pessoas por dia, o camarote é uma opção de diversão para alunos,

funcionários e docentes da UFBA que querem curtir a folia do carnaval em segurança com seus amigos e familiares. O valor acessível é mais um atrativo. O preço dos ingressos nos anos anteriores sempre esteve na faixa de 50 a 70 reais para o público geral. Em 2013, o valor é de 40 reais. Professores, técnico-administrativos e estudantes têm direito a preço especial e devem apresentar documento de identidade com carteira funcional, contracheque ou comprovante de matrícula no momento da compra.

Os ingressos podem ser adquiridos no Sindicato dos Trabalhadores Técnico-Administrativos das Universidades Federais da Bahia (ASSUFBA) ou no

Sindicato dos Professores das Instituições Federais de Ensino Superior da Bahia (APUB), instituições organizadoras do camarote, e nos balcões da Ticketmix dos shoppings Barra, Iguatemi, Paralela e Salvador.

Contatos

APUB - (71) 3235-7433

ASSUFBA - (71) 3245-7444

Agenda sob nova direção

Raisa Andrade
Renata Farias
Susana Rebouças

Os interessados em cultura podem voltar a contar com a Agenda de Arte, Cultura e Ciência para se programar. Após quase um semestre de hiato, o projeto – que integra o Programa de Arte, Cultura e Ciência junto à Agenda de Ciências e Tecnologias – volta a funcionar sob nova direção e propostas reformuladas.

Com exceção do graduando Ítalo Cerqueira, todos os bolsistas que compunham a equipe de produção da Agenda se desligaram do Programa desde que, em razão da greve, as bolsas deixaram de ser repassadas. Na mesma época, o coordenador também foi afastado.

“O período em que a agenda não funcionou foi o tempo necessário para maturar uma ideia”,

diz um dos atuais coordenadores do Programa, o Professor Doutor José Roberto Severino. O projeto editorial que norteava a produção dos bolsistas e coordenadores também foi reformulado: a agenda saiu da condição de projeto e passou a ser uma ação permanente que desde então engloba a Ciência, antes desprezada pelo projeto.

As bolsas são concedidas pela Pró-Reitoria de Extensão da UFBA (Proext), e o Programa conta com o apoio institucional da Faculdade de Comunicação da UFBA (Facom-UFBA), Secretaria de Cultura do Estado da Bahia (SECULT-BA) e Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ).

A proposta da Agenda, agora ampliada, ainda se mantém: ser um portal de comunicação entre

as mais diversas instâncias da universidade e com a sociedade. Permitindo a formação de um banco de memória permanente das produções artísticas, culturais e científicas da UFBA ao longo dos anos.

Todo trabalho é realizado pelos próprios membros, que recebem treinamento técnico e orientação de outras extensões da universidade para uma melhor realização das tarefas. A produção da Agenda pode ser encontrada em www.agendar-tecultura.ufba.br e é possível enviar sugestões de pauta para o e-mail agendar-tecultura@gmail.com

NOTAS

Congresso de Nutrição da Bahia

Já estão abertas as inscrições para o Congresso de Nutrição da Bahia, I CONUTRI – Ba, que acontecerá de 06 a 09 de março em Feira de Santana. O tema a ser abordado no Congresso será Síndromes Metabólicas e Patologias Associadas. Para informações de contato e outros congressos da área de nutrição acesse <http://iconutri-ba.webnode.com/>.

Congresso Nacional dos Estudantes de Engenharia

O XXII CONEEQ (Congresso Nacional dos Estudantes de Engenharia Química) ocorrerá de 26 de janeiro a 3 de fevereiro. Realizado pelos alunos da UFBA, UNIFACS e IFBA terá como tema *O Engenheiro químico sob a nova ótica do mercado: Competência técnica, habilidades gerenciais e visão sustentável*. Mais informações no site <http://www.coneeq.com.br/>.

XVII Congresso da Sociedade Interamericana

Promovido pela Sociedade Interamericana de Filosofia, acontecerá o XVII Congresso da Sociedade Interamericana de Filosofia, tendo como tema geral *Ciência e Cultura*. O evento será realizado em Salvador, de 07 a 11 de outubro e já está com inscrições abertas. Para maiores informações, acesse <http://sif2013.org/spip.php?rubrique1>.

Entre fraldas e diplomas

Graduandos e servidores podem contar com a Creche enquanto se dividem entre a formação e os cuidados com os filhos

Jéssica Lemos
Diego Barreto

Sandra Aguiar adia até o último segundo o momento de deixar a filha de dois anos, Ana Clara, na Creche da Universidade Federal da Bahia. Com apego, ela conversa com a menina até a hora em que cada uma segue para as suas atividades: a mãe para as aulas na Faculdade de Educação e a garota, à rotina da Creche.

Ramena Guerrieri, estudante de Geologia, engravidou aos 23 anos e se viu obrigada a trancar o curso depois do nascimento da filha. Com o pai da criança trabalhando em outra cidade e a família da estudante morando em Brasília, a única opção de Ramena foi matricular a filha Maria Eduarda, hoje com 2 anos, na Creche.

Sandra e Ramena não são exemplos isolados, cerca de 50 alunos da Universidade Federal da Bahia utilizam a Creche para poder arcar com as obrigações da graduação e as responsabilidades de quem, ainda jovem, cria um filho pequeno. A UFBA é uma das poucas universidades do país a oferecer esse tipo de serviço a qualquer aluno ou servidor que possa comprovar renda per capita

inferior a 1,5 salários mínimos e que já não sejam assistidos por outro auxílio ou programa de bolsa da universidade.

De acordo com a psicóloga especialista em estudos da família e desenvolvimento infantil, Juliana Santana, se os pais ou responsáveis estão incapacitados, a creche seria o melhor lugar para que o menor realize suas atividades diárias. “Tendo profissionais capacitados para acompanhá-los, o ambiente pode favorecer a socialização e educação dos pupilos enquanto os pais não podem dispor de toda atenção necessária”.

Funcionamento

Os alunos que poderão gozar das facilidades oferecidas pela Creche da UFBA são escolhidos a partir de uma rigorosa seleção realizada pela Pró-Reitoria de Assistência Estudantil – PROAE. Podem concorrer às vagas os filhos de estudantes regularmente matriculados em cursos de graduação oferecidos pela Universidade e de servidores do quadro permanente e ativo.

“

O ambiente pode favorecer a socialização e educação dos pupilos enquanto os pais não podem dispor de toda a atenção necessária

Juliana Santana, psicóloga

”

A seleção é realizada de acordo com um estudo socioeconômico. A faixa etária das crianças atendidas pelo projeto vai dos 4 meses aos 3 anos e 11 meses. Atualmente, o espaço acolhe cerca de 50 crianças que realizam atividades diversas – como pintura e a cultura de uma horta. A creche possui também berçário, enfermaria e uma cozinha especial para o preparo dos alimentos.



Ramena Guerrieri e a filha Maria Eduarda, 2 anos, na Creche da UFBA

Yuri Rosat | LabFoto

Vida Dupla

Os alunos da UFBA têm agora a chance de também exercerem a função de professores da universidade através do PROFICI

Lukas Barbosa

Passar no vestibular da Universidade Federal da Bahia é o objetivo máximo de quase todo o estudante de nível médio baiano. Poucos sabem, porém, que alguns deles podem se tornar professores da UFBA. O Programa de Proficiência em Língua Estrangeira para Estudantes e servidores (PROFICI), alunos de qualquer curso de graduação ou pós-graduação senso estritos da UFBA têm a oportunidade de ministrar aulas como monitores do programa.

Elaine Priscila Silva, quarto semestre de Letras e Língua Estrangeira – Inglês e professora no PROFICI, diz que o aprimoramento na língua inglesa foi o motivo que a levou a tentar por três vezes, as duas primeiras sem sucesso, seu ingresso no programa. “O dinheiro é muito importante, já que eu não trabalho. Mas minha evolução é mais fundamental, pois, eu ainda era muito insegura e tímida nas horas de falar Inglês”. Priscila participou, durante um mês, de treinamentos voltados não só para a prática do idioma, como também para a metodologia de ensino antes começar a dar aulas na UFBA.

Ela caminha para o terceiro mês ministrando aulas na universidade nas terças e quintas-feiras e no sábado. Além das aulas, os alunos/professores têm reuniões com seus coordenadores e participam de cursos e seminários referentes ao PROFICI. Essa rotina, que conta também com um estágio de um dia na semana, fez Priscila optar por se matricular em apenas três matérias nesse semestre: “Pode ser cansativo, mas vale a pena, pois estou investindo em mim mesma e no meu futuro”.

No quarto semestre em Língua Estrangeira – Inglês, Tarsila Passos considera um desafio conciliar os estudos com o programa. Ela optou por não pegar disciplinas no último horário do turno noturno nas vésperas das suas aulas no PROFICI. “O bom é que, aqui na faculdade, nós não temos os problemas que poderíamos enfrentar ao dar aulas para crianças e adolescentes. A gente consegue focar no assunto mais tranquilamente”.

Sem nunca ter dado aula de inglês, ela considera que sua evolução na prática da língua foi muito grande devido ao seu envolvimento no PROFICI e com os alunos. “Fazemos as aulas para diferentes níveis de turma. É fantástico porque eu sinto a evolução da minha fluência com o tempo.”



Vinícius Ribeiro, sétimo semestre de língua estrangeiro (inglês) e Elaine Priscila, quarto semestre de letras, são professores de inglês do PROFICI.

“Prazerosa e gratificante”, estas são as definições que Vinícius Ribeiro, sétimo semestre em Língua Estrangeira – Inglês, usa para descrever sua experiência em ser monitor no PROFICI. Ribeiro pretende usar o programa como uma forma de se firmar no meio acadêmico: “É um começo para alguém como eu que pretende seguir carreira acadêmica. Eu gosto mais da área de literatura da língua inglesa e quero me especializar nisso.” Ele vê o programa como uma preparação para poder enfrentar a concorrência. “Eu preciso de experiência no mercado.

Como participar

Os interessados em lecionar no PROFICI devem passar por entrevistas que avaliam a proficiência do candidato nos seguintes idiomas: inglês, espanhol, francês, italiano e alemão. Após essa primeira fase, os candidatos iniciam um treinamento oferecido pelos professores que coordenam o projeto e que começa antes do início das aulas e se estende pelos 18 meses durante os quais dura o vínculo.

Segundo a diretora do Instituto de Letras, professora Risonete de Souza, o PROFICI busca proporcionar aos alunos da Universidade a experiência de lecionar. “A ideia já surgiu levando em conta a incorporação dos alunos para que eles pudessem ser monitores nesse processo de ensino. É um programa de formação de professores”. A diretora afirma que o objetivo do acompanhamento é providenciar o suporte técnico e psicológico aos alunos, para que eles saiam do PROFICI devidamente preparados para lecionar em qualquer instituição.

Inicialmente, o edital do PROFICI daria preferência aos alunos de letras na seleção dos monitores. Porém, devido a inexistência de tais cursos nas unidades da Federal em Barreiras e Vitória da Conquista, abriu-se a possibilidade de selecionar quaisquer aluno proficiente nos idiomas listados anteriormente. Souza também aponta a falta de professores licenciados no mercado como motivo da extensão do programa aos estudantes fora do Instituto de Letras.

100 títulos por ano

Às vésperas de completar 20 anos, a Edefba se orgulha do crescimento e planeja mudanças na difusão da produção científica da Universidade



Lucas Seixas | LabFoto

Gustavo Baraúna
Tácio Santos

Em 1991, foi aprovada pelo Conselho Universitário a proposta de transformar o Centro Editorial e Didático em uma editora. Dois anos depois, surgia a Edefba, com o objetivo de propiciar um intercâmbio entre os diferentes campos de estudo da Universidade Federal da Bahia e difundir sua produção.

De lá pra cá, são 20 anos da Edefba à frente do projeto editorial da universidade, priorizando sempre a publicação resultante das teses de doutorado e mestrado, assim como livros de apoio à graduação e pós. De acordo com Flávia Rosa, diretora da editora, o principal objetivo é dar retorno à sociedade dos investimentos feitos em pesquisas.

O saldo desse trabalho é expresso nos números da editora, que já possui mais de 1000 livros publicados, tem três livrarias – nos campi de Ondina e Canela e no Largo Dois de Julho – e, nos últimos anos, vem conseguindo manter a média de 100 livros publicados por ano.

Digital

Embora tenha resultados positivos alcançados recentemente, a editora projeta o futuro ciente das dificuldades em se manter no mercado editorial em plena era digital. Em 2012, foram publicados os dois primeiros livros em formato ePub.

Para Flávia, há uma preocupação em se inserir no mercado das publicações digitais: “Hoje, concorreremos com uma mídia extremamente rápida e dinâmica, o que é preocupante, já que os nossos índices de penetração ainda são muito baixos. Por isso, buscamos uma aproximação com o público jovem através do diálogo com essas novas plataformas”.

O ano de 2012 foi representativo no que tange as dificuldades enfrentadas pela Edefba. A editora acabou sendo muito prejudicada pela greve na universidade. Isso porque a paralisação dos professores gerou a estagnação da produção científica e, conseqüentemente, das publicações. A solução encontrada foi a cobertura de diversos eventos acadê-

micos dentro e fora da UFBA, nos quais eram montados stands para a exposição e venda de livros.

Assim, a Edefba segue seu caminho, enfrentando os desafios próprios de uma editora universitária, mas buscando manter-se estável no mercado editorial enquanto se consolida na produção para plataformas digitais. A sua trajetória nesses 20 anos ratifica a importância da editora e demonstra que é possível alçar voos maiores.

ePub – abreviação de “*eletronic publication*” – é um formato livre e aberto de arquivo padrão para ebooks. De conteúdo fluido, a tela de texto se aperfeiçoa de acordo com a plataforma utilizada para a leitura.

Delícia, assim você me mata

Pesquisa de estudantes de Nutrição da UFBA revela as más condições de higiene dos alimentos consumidos na praia

Emile Conceição
Emille Cerqueira
Thalita Lima

Todos os dias, às 5 horas da manhã, Seu Domingos, 63 anos, acorda para trabalhar. Aposentado e vendedor de queijo há quatro anos, na praia da Barra, ele sustenta sua família de cinco integrantes (mulher, duas filhas e duas netas) com a aposentadoria e a venda de queijo. Quando questionado se gosta do que faz, ele responde: “Trabalho todos os dias com muita alegria. Não consigo ficar em casa sem fazer nada” e, em seguida, sai para continuar seu ofício, cantando “piririm pompom, piririm pompom, esse é o queijo bom”.

Assim como Seu Domingos, muitos outros vendedores de praia retiram do trabalho informal o sustento ou o complemento da renda familiar. Até aí, nada de errado. O grande problema desse trabalho é: será que esses vendedores são instruídos para o armazenamento e conservação dos alimentos comercializados?

Para responder essa e outras questões, o Grupo de Pesquisa Segurança Alimentar e Comércio Informal de Alimentos (SACIA), da Escola de Nutrição da Universidade Federal da Bahia, desenvol-

ve estudos que analisam a condição higiênica dos alimentos consumidos na praia. Desde 2009, eles já elaboraram pesquisas sobre comida de rua, em Salvador (na Orla e em outros lugares), com a abordagem inicial do trabalho infanto-juvenil.

“A comida de rua é uma realidade mundial e muitos problemas identificados no Brasil são similares em outros países, como características sociais, econômicas e higiênicas”, diz Sueli Alves, 34 anos, Mestre em Alimentos, Nutrição e Saúde e autora de uma dissertação sobre o tema.

Números

De acordo com os dados da pesquisa, 98,9% dos vendedores informaram considerar a higiene dos alimentos importante para o seu comércio, trazendo justificativas como a saúde do consumidor, a confiança dos consumidores, a prevenção de doenças, o favorecimento das vendas, dentre outras razões. Apesar de terem essa consciência nos cuidados que referiram adotar, nenhum dos pesquisados alcançou valor superior a 50%, o que sugere



baixa adesão às boas práticas de manipulação de alimentos.

Sobre a fiscalização, 89% dos pesquisados apontam que deveria haver um órgão responsável pelo segmento de comida de rua em Salvador. Destes, 66,4% apontaram algum órgão público, sendo a Prefeitura Municipal citada em destaque, com 38,6%, e os demais apontaram a Vigilância Sanitária, Governo Estadual, Saúde Pública e a Secretaria de Serviços Públicos e Prevenção à Violência (SESP). Outros 10% não souberam responder a pergunta. A pesquisa também informa que 50,6% dos comerciantes disseram já terem sido abordados pela fiscalização.

Riscos

Sueli não recomenda nenhum alimento manufaturado, mas como ninguém resiste à comida de praia, ela dá uma dica: “os que menos oferecem ‘riscos’ à saúde dos consumidores são os alimentos industrializados, como salgadinhos e gelados comestíveis embalados e de procedência garantida, como



O queijinho é um dos alimentos não industrializados mais consumidos nas praias de Salvador

de algumas marcas conhecidas, e doces industrializados e embalados”.

De acordo com Ellayne Cerqueira, 22 anos, estudante de Nutrição da UFBA, o ideal é também consumir água de coco, porque ela tem carboidratos e pode, inclusive, saciar a fome, além de hidratar o organismo. Alimentos assados na hora, como peixe, também é uma sugestão dada pela estudante.

“Algumas pessoas relatam que tiveram infecção ou toxinfecção alimentar, entretanto, não procuraram assistência médica. Então se supõe que são muitos os casos, mas não há registro de dados que os comprovem. Por outro lado, pesquisas realizadas constataram altos índices de contaminação microbiológica, inclusive por microrganismos patogênicos”, esclarece Sueli com relação aos riscos, considerando microrganismos patogênicos, aqueles que causam doenças.

Dicas e Recomendações

- › Levar frutas e biscoito ou sucos e sanduíches numa sacola térmica
- › Levar os alimentos enrolados em papel filme ou em uma vasilha
- › Cerveja, água e refrigerante, apesar de serem alimentos industrializados, podem ser contaminados pelo gelo, vendedor ou utensílios
- › Avaliar a qualidade do vendedor, se ele está com fardamento adequado, sapato fechado, um chapéu e uma roupa higienizada
- › Verificar se a mercadoria está armazenada corretamente
- › Priorizar barracas, pois estas às vezes oferecem condições de lavar as mãos e higienizar melhor os utensílios
- › Observar a integridade das embalagens dos alimentos
- › Consumir alimentos cozidos ou assados na hora
- › Observar se o vendedor não manipula simultaneamente o dinheiro e os alimentos

Bahia terá primeiro Mestrado Profissional em música do Brasil

Profissionais da área de música terão mais uma possibilidade para aperfeiçoar conhecimentos e habilidades dentro da Academia

Clara Marques
Sara Regis

Outra vez, a Escola de Música da Universidade Federal da Bahia desponta com um projeto pioneiro: o primeiro Mestrado Profissional em Música do país. A instituição inovou também ao ser a primeira faculdade brasileira a oferecer os Programas de Pós-Graduação (1990) e Doutorado (1997) em Música.

Com início previsto para o primeiro semestre de 2013, o novo curso de mestrado é destinado ao profissional – artista ou didata, erudito ou popular – que pretenda dar continuidade à sua formação, aperfeiçoando conhecimentos em determinado instrumento, composição, regência ou métodos de ensino.

Preenchendo as lacunas do mercado

Segundo o coordenador do curso, o Prof. Dr. Lucas Robatto, o programa tradicional atendia apenas as necessidades da própria academia, negligenciando o mercado. “O músico que queria continuar seu aperfeiçoamento em um instrumento só conseguia fazê-lo no Brasil se essa necessidade fosse parte secundária de um projeto maior de pesquisa acadêmica”.

“Parte do nosso corpo docente é composto por profissionais que tem resistência à produção de produtos acadêmicos”, diz Robatto. Por isso, no PPGPROM, os docentes credenciados serão avaliados de acordo com a sua produção profissional, sem a obrigatoriedade também de uma produção acadêmica.

Assim, além da forte demanda de mercado, a criação do programa profissional surge ainda como parte do esforço em reestruturar o corpo docente e discente do tradicional PPGMUS, que sofreu recentemente a redução de sua nota de avaliação da CAPES de 5 para 4 pontos. A tendência é, também, aliviar a concorrência no ingresso no Mestrado de perfil acadêmico, ficando reservado apenas a alunos que realmente se interessem pela pesquisa.

O recém-criado Programa de Pós-Graduação Profissional em Música – PPGPROM – vai oferecer 25 vagas em duas áreas de atuação profissional: a de criação/interpretação e a de educação musical que trazem, respectivamente, as linhas de atuação profissional de formação do músico e de formação



Aula prática na Escola de Música

do educador musical, além da linha de pedagogia instrumental e vocal, comum às duas áreas.

Jean Marques, fagotista principal da Orquestra Sinfônica da Bahia, concluiu o mestrado acadêmico em música no ano passado, e afirma que optaria pelo Mestrado Profissional se tal opção estivesse disponível no momento em que ele decidiu se tornar mestre. “O Mestrado Profissional, com menos disciplinas teóricas durante o curso, prioriza a prática, atividade essencial para um músico. Principalmente em minha área de atuação, que é a performance”.

Exigências do programa

Para participar do processo seletivo, o candidato deve ser graduado em qualquer curso superior e apresentar um projeto de formação profissional, além de realizar provas de habilidade específica e entrevista.

O curso tem duração prevista de três semestres, e os módulos teóricos correspondem apenas a cerca de 1/3 da carga horária total. Como trabalho de conclusão final, é exigida a apresentação dos produtos gerados em cada um dos módulos do curso, acompanhados de um memorial; não sendo descartada a hipótese de uma dissertação, caso seja a preferência do aluno. São aceitos como pro-

duzidos, por exemplo, um concerto, uma gravação ou um método de ensino.

Parcerias

O PPGPROM conta com a parceria dos Núcleos Estaduais de Orquestras Juvenis e Infantis da Bahia – Neojiba, responsável pelo financiamento de 20 bolsas de estudo ofertadas aos mestrandos. Em contrapartida, 15 desses bolsistas realizarão as suas Práticas Profissionais Supervisionadas dentro do Neojiba, atuando como monitores na qualificação de jovens músicos e educadores.

Se interessou?

Mestrado Profissional em Música (PPGPROM – UFBA)

Início: 2013.1

Vagas: 25

Bolsas: 20

Processo Seletivo: março de 2013

Informações: www.escolademusica.ufba.br